manchete

Jornal Negócios	**Periodicidade:**	Diário	**Temática:**	Diversos
	Classe:	Economia/Negócios	**Dimensão:**	2879
	Âmbito:	Nacional	**Imagem:**	S/PB
03-03-2015	**Tiragem:**	18239	**Página (s):**	1/6/7

negocios

Dívidas à Segurança Social não prescrevem

Fusão entre BPI e BCP?

Novo Banco abre torneira do crédito aos clubes

Tensões na Europa

Continente está entre a integração rápida e a lenta desintegração

Veja o mapa com as principais tensões

PRIMEIRA LINHA 6 a 9

manchete

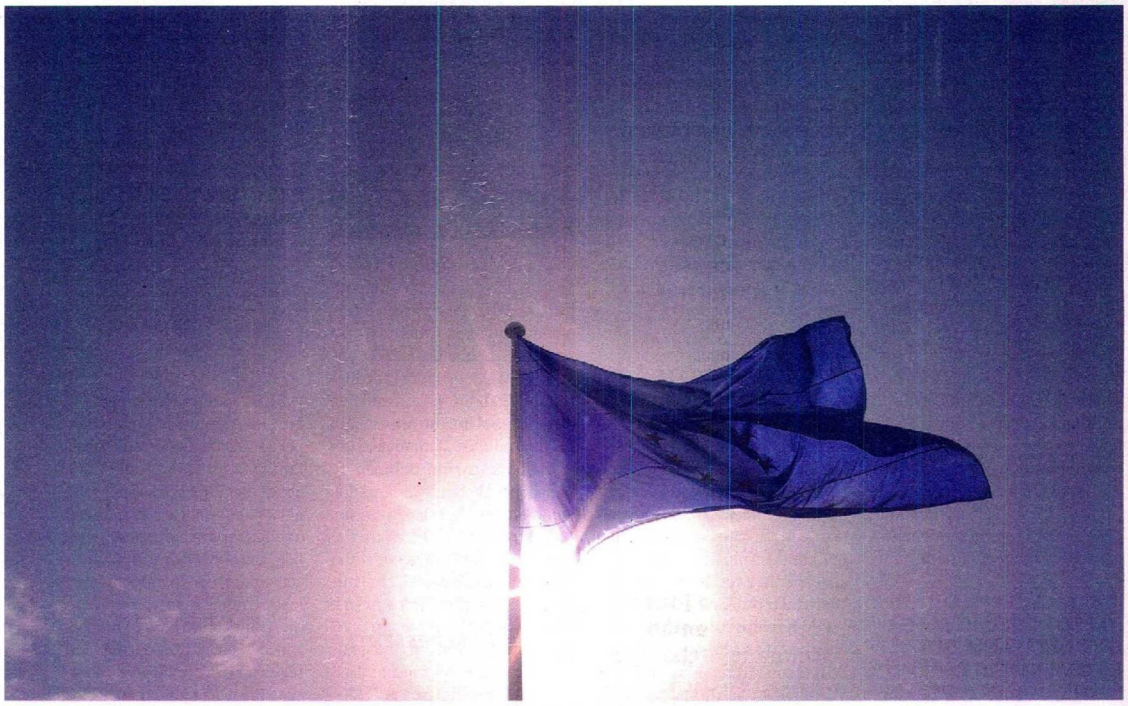
Jornal Negócios	Periodicidade: Diário	Temática: Diversos
	Classe: Economia/Negócios	Dimensão: 2879
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/PB
03-03-2015	Tiragem: 18239	Página (s): 1/6/7

A Europa entre a integração rápida e a lenta desintegração

A incerteza marca o ritmo da União Europeia. Depois de anos em que a crescente integração europeia parecia irreversível, crescem as dúvidas sobre o futuro do Velho Continente. As ameaças são muitas e as previsões díspares. Certezas há poucas.

DAVID SANTIAGO
dsantiago@negocios.pt

Kostas Tsironis/Bloomberg



A União Europeia atravessa um período em que, paralelamente ao aprofundar do seu processo de integração, se avolumam as ameaças ao projecto europeu.

Decorrido mais de meio século desde o início da construção europeia, a Europa é novamente palco de tensões que ameaçam erodir a lógica federalizante preconizada pela política dos pequenos passos defendida por Jean Monnet, um dos fundadores da União Europeia (UE). Ameaçada pela crise financeira, a Europa optou por acelerar o ritmo da integração, dando grandes passos como o Mecanismo Europeu de Estabilidade, a União Bancária e as medidas de coordenação da política económica dos Estados-membros.

"Agora resta saber se este processo de integração vai continuar ou não", questiona o professor de Geopolítica Miguel Monjardino, que aponta os três cenários possíveis: "Maior integração devido à Zona Euro; estagnação do processo de integração; processo de desintegração."

O docente no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa acredita ser "possível que estejamos a assistir ao ponto mais alto do caminho da integração" e que, doravante, se concretize "uma mudança de parágrafo", como a que aconteceu aquando da queda do Muro de Berlim e posterior implosão da União Soviética.

Já o professor de Ciência Política José Adelino Maltez recorda que "o recuo da Europa é uma previsão feita pelos pais fundadores da UE", mas prefere destacar que a actual conjuntura europeia denota "um problema de continuidade do processo de cooperação política". Na mesma linha, Paulo Sande, professor de Relações Internacionais na UCP, salienta que "é preciso vontade política para reforçar a integração". Este professor da Católica considera que "neste momento apenas os alemães têm essa vontade e capacidade, mas retraem-se para não serem acusados de querer dominar a Europa".

Especialistas concordam com factores de desintegração mas divergem no caminho que a Europa vai tomar.

Todavia, para José Maltez, professor no ISCSP, há um problema de falta de democraticidade, não se vislumbrando ainda um sinal de governo europeu. Porque "não se pode ir a eleições com a noção de que somos povos tutelares, e que quem nos ensina a governarmo-nos é o ministro [das Finanças alemão Wolfgang] Schäuble", resume o politólogo.

"A desintegração está a tentar voltar"

A Europa, nas palavras de José Maltez, vive "uma guerra Norte-Sul provocada por eleitorados chauvinistas", em que uma "lógica identitária, que une a esquerda e a direita, pretende acabar com os movimentos de integração", sublinha Monjardino antes de relevar o papel da extrema-direita neste fenómeno. E é precisamente a chegada ao poder destes partidos que pode colocar em causa "a vontade política necessária à integração", teme Paulo Sande.

Os sentimentos anti-imigração, a ameaça terrorista e os ímpetos securitários, num mundo global, mostram que "a desintegração está a tentar voltar", alerta Monjardino. "Não nos preparámos para a crise do euro, para o revisionismo russo ou o jihadismo transnacional, nem para a ascensão dos extremismos", lamenta Bernardo Pires de Lima, investigador do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) da Universidade Nova de Lisboa, constatando a "impreparação europeia para pensar geopoliticamente". No fundo, a UE pensou que todos acolheriam eternamente a ideia das democracias liberais, "uma ilusão típica de sociedades que se esquecem da História", concretiza Monjardino.

A responsabilidade advém de um "debate europeu excessivamente burocratizado e centrado no eixo financeiro/económico", defende o investigador do IPRI. Na perspectiva de Paulo Sande, "hoje predominam fe-

manchete

Jornal Negócios	Periodicidade: Diário	Temática: Diversos
	Classe: Economia/Negócios	Dimensão: 2879
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/PB
03-03-2015	Tiragem: 18239	Página (s): 1/6/7

Ameaças à integração europeia

À crise do euro e das dívidas soberanas, ao crescimento eleitoral dos extremismos, nomeadamente da extrema-direita, à ameaça jihadista, aos nacionalismos independentistas e ao ressurgir do "Urso Russo", acrescem o declíneo económico e demográfico como ameaças ao projecto europeu.

Todavia, Paulo Sande prefere destacar duas ameaças: a eventual derrota dos europeístas no Reino Unido e o crescimento da extrema-direita que, em França, "pode levar a um processo muito complicado".

Face a Londres, o politólogo Adelino Maltez acrescenta que o "mistério do Reino Unido, que não sabemos se entra ou sai", mostra que "a Europa não é federável". Já Miguel Monjardino prefere sublimar a ameaça russa, classificando o presidente Vladimir Putin de "predador internacional que aposta forte na desintegração europeia".

deralistas cautelosos, que adequam os discursos às necessidades da sua política interna". "Não há euro-entusiastas, não há um Helmut Kohl ou um Jacques Dellors", resume.

O panorama nebuloso em torno do futuro europeu não permite respostas definitivas. De um lado, Monjardino crê que "o processo de integração chegou ao fim, pelo que agora haverá desintegração. Do outro, Sande assegura que "a Europa não tem outro remédio, para preservar o actual modo de vida", senão o de prosseguir o caminho da integração. José Maltez vai mais longe e faz depender a vigência da democracia global à integração europeia. A explicação é simples: "Não quero ser chinês." ■

Não nos preparámos para a crise do euro, para o revisionismo russo ou o jihadismo transnacional, nem para a ascensão dos extremismos.

BERNARDO PIRES DE LIMA
Investigador do Instituto Português de Relações Internacionais

Não se pode ir a eleições com a noção de que somos povos tutelares, e que quem nos ensina a governarmo-nos é o ministro [das Finanças alemão Wolfgang] Schäuble.

JOSÉ ADELINO MALTEZ
Professor de Ciência Política no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Hoje predominam federalistas cautelosos, que adequam os discursos às necessidades da sua política interna.

PAULO SANDE
Professor de Relações Internacionais na Universidade Católica

A FAVOR | CONTRA

Processo de integração com sinais contrários

Perante a crise financeira e a ameaça de desintegração, a Europa viu-se forçada a acelerar o processo de integração. O objectivo é reforçar a união, mas produziu efeitos de sinais contraditórios.

ALARGAMENTO DA ZONA EURO
No início deste ano, a Lituânia tornou-se no 19º membro do euro, concluindo o ciclo de adesão dos países Bálticos e elevando para cerca de 337,5 milhões o número de europeus que utilizam a moeda única.

MECANISMO EUROPEU DE ESTABILIDADE
Criado em 2012, é uma instituição permanente que visa garantir assistência financeira aos membros do euro em situações-limite. As principais decisões requerem o mútuo acordo dos ministros das Finanças.

UNIÃO BANCÁRIA
Com o intuito de evitar ou precaver a eclosão de novas crises na banca, a União Bancária transferiu para o BCE a responsabilidade de supervisão dos maiores bancos europeus. Presume ainda a criação de um fundo global europeu para acudir à eventuais falências de bancos.

ALTA REPRESENTANTE
A criação da figura de Alta Representante para a Política Externa e de Segurança foi um pequeno passo no sentido de um objectivo mais amplo que está longe de ser atingido: uma política externa comum.

POLÍTICA ECONÓMICA
As medidas de coordenação da política económica, tal como o visto prévio do orçamento, obrigam os países a andar mais alinhados.

O eclodir da crise financeira levou a UE a acelerar a integração.

CRESCIMENTO DA EXTREMA-DIREITA
A expressão eleitoral de partidos de extrema-direita, eurocépticos ou mesmo anti-europeus cresce em muitos países, desde a França à Áustria passando pela Holanda ou a Grécia. Este fenómeno ameaça travar ou fazer retroceder o processo de integração europeu.

CONFLITO NORTE/SUL
A crise das dívidas soberanas e os programas de assistência relevaram um desequilíbrio latente na Europa. Os eleitores dos países do Norte olham com desconfiança crescente os seus congéneres do sul. A estagnação económica e as decepcionantes perspectivas económicas, de um lado e do outro, só agravam a situação.

IMIGRAÇÃO
Os fenómenos anti-imigração irrompem um pouco por toda a Europa, seja nos países mais ricos ou nos mais pobres. Aliado aos problemas securitários, estes movimentos ameaçam a liberdade de circulação de pessoas no espaço europeu e fala-se mesmo na revisão do Espaço Schengen, um dos pilares da União Europeia.

INDEPENDENTISMOS
Os nacionalismos independentistas ameaçam a integridade territorial de vários Estados-membros, corroendo, ao nível nacional a própria coesão interna do projecto europeu.

Crescem as ameaças que podem implicar um retrocesso na integração.

PERGUNTAS A BERNARDO PIRES DE LIMA

Investigador do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) da Universidade Nova de Lisboa

"UE não vive com Le Pen, ou Podemos no poder"

Quais os focos de tensão que irão determinar o futuro da Europa enquanto continente?

O alcance do revisionismo autoritário russo na coesão da Europa e no papel dos EUA na segurança europeia, o nível de afastamento do Reino Unido, desequilibrando a política europeia para uma unipolaridade alemã e enfraquecendo a defesa europeia, a forma como os partidos moderados se conseguirão reinventar e a evolução de toda a envolvente mediterrânica (Síria, Líbia e Iraque).

O recuo do governo grego face ao seu programa mostra que os processos democráticos na Europa respondem, em primeira mão, aos ditames financeiros?

Países que chegam à pré-bancarrota e ficam sob assistência financeira estão reféns desse estatuto. O credor tem sempre vantagem política. O caso grego espelhou, porém, outra realidade: a força eleitoral do Syriza e a sua estratégia negocial, acenando com o apocalipse na Zona Euro, não resultaram em Bruxelas. É o regresso à responsabilização política e democrática.

Pode a União Europeia sobreviver à chegada ao poder da Frente Nacional em França ou do Podemos em Espanha?

Esta UE não sobreviverá nem com Le Pen, nem com o Podemos, no poder. São dois partidos para lá de cépticos em relação à integração europeia, simpatizantes de Putin e adversários da NATO. Não há coesão europeia sem um vínculo de segurança forte dado pela NATO. O problema do crescimento dos extremos reflecte a falência dos partidos moderados.